



FANICOL

Mbanza Kameleji

LEOA vs ANJO SELVAGEM



Imagem: Leoa em um orfanato de animais no Quênia.
Acesso em: 17/11/2024

ARTIGO DA REVISTA ANTENA FAMILIAR

Autor: António Lopes Nicolau
Email: alonicolau@yahoo.com.br

Novembro 2024
(Artigo nº 020/2024)

Luanda – Angola



ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	3
I. Introdução	3
1.1. A Simbologia da Leoa	3
1.2. O Espírito Livre dos Anjos Selvagens	4
II. O Coração Forte da Leoa	5
2.1. Força e Vulnerabilidade	6
2.2. Coragem e Conexão com as Emoções	6
III. A Alma dos Anjos	6
3.1. Valores e Liberdade dos Anjos Selvagens	7
3.2. Viver com o Instinto Selvagem	7
IV. Quando o Coração Encontra a Alma	8
4.1. Amor e Proteção como Base da Aliança	8
4.2. Conexões e Transformações	8
V. Caminhos de Autodescoberta	9
5.1. A Leoa como Guia	9
5.2. O Poder de Ser Verdadeiro	10
VI. Conclusão	10
6.1. O Futuro do Coração e da Alma Selvagem	10
6.2. A Alma da Leoa e o Futuro dos Anjos Selvagens	11
VII. Referências Bibliográficas	11

NOTA PRÉVIA

Este artigo, originalmente intitulado “Coração de Leoa vs. Alma de Anjo Selvagem”, propõe uma jornada simbólica para explorar a **dualidade** entre força e liberdade, coragem e vulnerabilidade, valores humanos e **instintos** primordiais. A figura da **leoa**, com sua imponência e capacidade protetora, contrasta e, ao mesmo tempo, complementa a essência dos “**anjos selvagens**” – seres livres, intuitivos e profundamente conectados à natureza. Esses arquétipos simbolizam a busca pela harmonia entre o desejo de independência e a necessidade de conexão emocional.

A abordagem aqui apresentada é complexa, mas indispensável, pois convida a uma reflexão sobre como lidamos com nomenclaturas e práticas muitas vezes consideradas inadequadas em determinados contextos familiares ou coletivos. Este texto propõe um olhar crítico e profundo sobre como nossas escolhas e ações refletem nossa essência e impactam o ambiente ao nosso redor.

Unindo elementos de psicologia, filosofia e **espiritualidade**, o artigo busca provocar o leitor a refletir sobre o processo de **autodescoberta** e a relevância de viver de forma autêntica e com **propósito**. A mensagem central reside na ideia de que todos carregamos, em nossa essência, um coração **valente** e uma alma **livre**. Encontrar o equilíbrio entre esses dois aspectos de nosso ser nos permite trilhar um caminho de vida mais pleno e significativo, respeitando os limites individuais e coletivos.

Por fim, o texto destaca a importância de agir com **ética** e integridade, evitando manipulações, preservando bens comuns e respeitando os compromissos que transcendem nossos desejos individuais. O convite é para uma vivência pautada pela boa vontade, autenticidade e **respeito mútuo**, como pilares de uma convivência harmoniosa e enriquecedora.

I. INTRODUÇÃO

Neste artigo, “**Leoa vs Anjo Selvagem**”, buscamos explorar o universo interior e as múltiplas facetas do “ego”, representados simbolicamente pela “leoa” e pelo “anjo selvagem.” Esta introdução examina a simbologia da leoa e o espírito dos “anjos selvagens” como expressões de força, liberdade e a complexidade do ser.

1.1. A Simbologia da Leoa

A leoa é uma figura de **poder** e coragem, vista muitas vezes como uma representação de liderança e de força feminina. Em muitas culturas africanas, a leoa é venerada como um símbolo de proteção e como guardião da família, especialmente pelos Maasai, que a veem como um espírito guardião das terras e das pessoas (Mbiti, 1990). Na obra *Women Who Run With the Wolves*, Clarissa Pinkola Estés (1992) descreve o arquétipo da mulher selvagem que se alinha à figura da leoa, afirmando que “*há dentro de cada mulher uma força poderosa, cheia de boa intuição, paixão e criatividade*” (Estés, 1992).

Ao mesmo tempo, a leoa não é apenas forte, mas também tem um lado profundamente protetor e empático. Assim, a figura da leoa simboliza a união entre a ferocidade e a ternura, entre a independência e o compromisso com a comunidade e os entes queridos. Jung descreve, os **símbolos** são expressões das “*imagens e ideias que*

sustentam a psique humana" (Jung, 1968), e, nesse sentido, a leoa representa tanto a força bruta quanto o cuidado compassivo, qualidades que refletem o equilíbrio que buscamos no coração.

1.2. O Espírito Livre dos Anjos Selvagens

Os "**anjos selvagens**" são uma metáfora para a liberdade, a autenticidade e a busca por um modo de vida desimpedido por convenções limitantes. Enquanto **anjos** representam o divino, a pureza e a espiritualidade. O termo "**selvagem**" adiciona a eles uma camada de naturalidade e instinto. Esse espírito livre é visto como um retorno à essência inata de cada um, conectando-se com a natureza e com a verdade mais profunda do ser (Hillman, 1996).

James Hillman, em *The Soul's Code*, sugere que a alma humana busca expressão completa, mas para isso é necessário libertar-se de expectativas sociais e resgatar seu "**daimon**" ou espírito inato. Segundo ele, "*a liberdade verdadeira vem ao encontrar e seguir o chamado de nossa própria alma*" (Hillman, 1996). Neste contexto, os "anjos selvagens" representam essa busca pela essência e pela liberdade, uma representação da pureza e da força da alma que abraça a vida com todas as suas contradições e desafios.

Diferenças e Semelhanças entre Anjos Selvagens e Anjos Caídos

Os "**anjos selvagens**" e os "**anjos caídos**" são conceitos distintos, embora possam compartilhar algumas similaridades dependendo do contexto cultural, mitológico ou literário em que são retratados. Em seguida, apresentam-se algumas diferenças e semelhanças entre eles.

DIFERENÇAS

1. Origem e Natureza: Os "**anjos selvagens**", termo mais poético e literário, aparecem frequentemente em obras como "*Wild Angels*" de Anne Rice, representando seres angelicais livres e indomáveis. Isto é, que rejeitam ordens ou se mostram indomáveis, livres e independentes, sem estarem necessariamente em oposição ao divino. Por outro lado, os "**anjos caídos**" possuem raízes teológicas e aparecem na tradição cristã, como em "*O Paraíso Perdido*" de John Milton, sendo descritos como anjos que perderam sua posição celestial por desobediência a Deus (Milton, 1667).

2. Relação com o Divino: Os "anjos selvagens" não necessariamente rompem com Deus, mas desafiam convenções, como mencionado por Rice em seus textos que exploram dilemas existenciais desses seres. Já os "anjos caídos", como Lúcifer, se rebelaram explicitamente contra Deus, um tema amplamente explorado por teólogos como Santo Agostinho (*De Civitate Dei*, século V). Os primeiros (anjos selvagens), podem ser vistos como anjos que buscam liberdade fora das hierarquias celestiais, mas nem sempre se opõem ao divino ou são considerados malignos. E os segundos (anjos caídos), são frequentemente associados ao mal, ao inferno ou a Satanás, simbolizando a perda de graça divina e a rebeldia contra Deus.

3. Representação: Os “anjos selvagens” aparecem como seres intensos e livres, muitas vezes sendo ambíguos moralmente (Rice, 2002). Os “anjos caídos”, como em “*Demonologia*” de Colin de Plancy, são frequentemente retratados como trágicos, malévolos ou corrompidos, com um passado glorioso perdido devido à desobediência.

SEMELHANÇAS

1. Liberdade e Rebeldia: Ambos os conceitos destacam a busca pela liberdade: os “anjos selvagens” pela independência moral e os “anjos caídos” pela liberdade de comando celestial (Milton, 1667). Isto é, envolvem algum grau de rejeição ou afastamento das normas e regras impostas, seja por **instinto** selvagem ou por **rebeldia** deliberada.

2. Independência: Tanto os “anjos selvagens” quanto os “anjos caídos” podem ser vistos como figuras que desafiam hierarquias, sendo autônomos e afastados das rígidas ordens celestiais.

3. Ambiguidade Moral: Em obras literárias, tanto “anjos selvagens” quanto “anjos caídos” podem ser retratados com complexidade moral, como em “*As Crônicas Vampirescas*” de Rice, onde anjos lidam com dilemas morais. Isto é, em alguns contextos, tanto os “anjos selvagens” quanto os “anjos caídos” podem ser retratados com nuances, não sendo completamente bons ou maus, mas **complexos e multifacetados**.

4. Figura de Contraste: Ambos contrastam com os “anjos tradicionais”, que são descritos como obedientes à vontade divina, seja nas escrituras bíblicas (Bíblia Sagrada, Isaías 14:12) ou na literatura clássica (*Paradise Lost*). Isto é, servem como contraponto aos anjos “tradicionais”, que são geralmente vistos como obedientes, subservientes e dedicados à vontade divina.

Essas interpretações podem variar muito dependendo da mitologia ou obra em que são mencionados. Enquanto os “anjos caídos” têm raízes firmes em tradições religiosas (como o cristianismo), os “anjos selvagens” muitas vezes surgem como figuras de metáfora em literatura, poesia ou cultura moderna.

Assim, ao longo deste artigo, a simbologia da **leoa** e o espírito dos “**anjos selvagens**” servirão como guias para explorar o caminho de autoconhecimento e de aceitação, um caminho que valoriza a força, a **vulnerabilidade**, a **intuição** e a autenticidade.

II. O CORAÇÃO FORTE DA LEOA

O coração de uma **leoa** representa um **paradoxo**: é simultaneamente forte e vulnerável, corajoso e sensível. A leoa, como símbolo, é mais do que uma expressão de **poder** físico; ela encarna a capacidade de navegar entre as emoções, enfrentando os desafios da vida com equilíbrio. Neste capítulo, examinamos como a leoa nos inspira a encontrar a coragem para reconhecer nossas vulnerabilidades e a **força** para nos conectarmos com nossas emoções.

2.1. Força e Vulnerabilidade

A força verdadeira não é apenas física; ela reside na capacidade de aceitar e mostrar vulnerabilidade. Brené Brown, em seu estudo sobre a vulnerabilidade, explica que a força autêntica é, em grande parte, o resultado de aceitar o medo e as fraquezas. Para Brown, "vulnerabilidade é o centro da coragem" (Brown, 2012). Assim, como a leoa que caça e protege sua prole com determinação e cuidado, também somos convidados a perceber que, ao reconhecer e aceitar nossos medos e fragilidades, expandimos nossa capacidade de sermos verdadeiramente fortes.

A **leoa** simboliza essa dualidade, pois mesmo sendo uma caçadora e uma protetora nata, ela também depende de sua aliança com outras leas para sobreviver. Na obra *The Wild Edge of Sorrow*, Francis Weller descreve essa dinâmica como uma "dança entre a força e a vulnerabilidade" (Weller, 2015), em que nos fortalecemos à medida que reconhecemos e compartilhamos nossas limitações. Esta consciência da interdependência revela que a verdadeira força não está na invulnerabilidade, mas na habilidade de abrir-se para o outro e compartilhar desafios.

2.2. Coragem e Conexão com as Emoções

Para viver com coragem, é essencial que nos conectemos com as nossas emoções, acolhendo tanto os momentos de bravura quanto os de introspecção. Jung (1968) defende que a **coragem** é um acto psicológico em que o indivíduo explora as camadas profundas de sua psique, enfrentando seus próprios medos e desejos internos. Em um contexto de autoconhecimento, a **leoa** inspira essa coragem emocional ao manter-se fiel a seus instintos e emoções, agindo não só pela **sobrevivência**, mas também pelo bem-estar do seu grupo.

A **coragem emocional** é, portanto, a habilidade de permanecer presente em momentos de desconforto e abrir-se para a transformação pessoal. Marshall Rosenberg, em *Nonviolent Communication*, observa que "*a verdadeira coragem vem de uma conexão profunda com nossos sentimentos e necessidades*" (Rosenberg, 2003). Assim, a leoa nos ensina a importância de escutar e honrar nossos sentimentos, pois é através desta conexão com nossas emoções que desenvolvemos uma presença genuína e empática em nossas relações.

Ao abraçar tanto a força quanto a vulnerabilidade e ao valorizar a coragem emocional, podemos começar a viver com o coração da leoa – forte e sensível, poderoso e amoroso. Esta dualidade permite que o indivíduo se aproxime de uma vida mais integrada, onde o autocuidado e o cuidado com os outros se equilibram de maneira harmoniosa.

III. A ALMA DOS ANJOS

O conceito de "Anjos Selvagens" simboliza uma alma em busca de liberdade e de uma vida vivida com autenticidade. Os "anjos", tradicionalmente associados à espiritualidade

e pureza, são aqui descritos como selvagens, expressando um desejo por liberdade e uma conexão profunda com a própria essência. Neste capítulo, exploramos a ideia de valores e liberdade desses anjos, e como viver segundo o instinto pode trazer um sentido mais pleno e natural à existência.

3.1. Valores e Liberdade dos Anjos Selvagens

A **alma** dos "anjos selvagens" não é condicionada pelas normas e convenções sociais. Em vez disso, esses anjos são movidos por valores fundamentais que guiam sua vida de forma autêntica. Clarissa Pinkola Estés, em *Women Who Run With the Wolves*, descreve essa liberdade como o estado em que a pessoa **"escuta sua própria voz e segue o chamado de sua alma"** (Estés, 1992). Os "anjos selvagens" representam a liberdade de viver segundo princípios internos e valores próprios, ao invés de regras impostas pela sociedade.

A **liberdade**, segundo Erich Fromm em *Escape from Freedom*, é um dos valores mais essenciais e ao mesmo tempo mais desafiadores de alcançar, pois exige coragem para enfrentar o desconhecido e a possibilidade de isolamento. Para Fromm, *"a verdadeira liberdade envolve a habilidade de viver conforme nossa própria essência, mantendo uma relação autêntica com o mundo ao nosso redor"* (Fromm, 1941). Os "anjos selvagens" representam essa liberdade ao buscar viver de acordo com sua natureza profunda, mantendo-se leais aos seus valores e à sua verdade.

Assim, os **valores** dos "anjos selvagens" incluem autenticidade, independência e uma conexão genuína com a própria essência. Esses valores são sustentados pela crença de que, ao honrar quem realmente somos, podemos viver em harmonia com o universo e com aqueles ao nosso redor, sem perder nossa identidade.

3.2. Viver com o Instinto Selvagem

Viver com o **instinto** selvagem significa estar em contacto com as emoções e impulsos mais naturais, permitindo que eles guiem nossas escolhas. Em sua obra *The Power of Now*, Eckhart Tolle sugere que *"a mente muitas vezes nos afasta do momento presente, mas é através do instinto que nos reconectamos com o agora"* (Tolle, 1997, p. 51). Para os "anjos selvagens", o **instinto** é a fonte de sabedoria e direção, pois ele não é manipulado por racionalizações ou preconceitos, mas pela intuição profunda e imediata.

Esse viver instintivo é muitas vezes perdido na sociedade moderna, onde as convenções sociais reprimem nossa conexão com a natureza e com nossos próprios desejos e necessidades. Em *Iron John*, Robert Bly explora o conceito de **"instinto natural"** como algo essencial à autodescoberta e ao crescimento pessoal, enfatizando que *"é o contacto com nosso lado selvagem que traz vitalidade e autenticidade"* (Bly, 1990).

Para os "anjos selvagens", o instinto é um guia que conduz à liberdade emocional e à plenitude. Ao aceitar e seguir nossos instintos, nos alinhamos com nossa essência e

encontramos o caminho de volta à nossa verdadeira natureza. Esse modo de viver permite uma conexão mais profunda com o universo, pois, ao viver em harmonia com nossos impulsos e desejos mais genuínos, encontramos um propósito maior e um sentido de paz interior.

IV. QUANDO O CORAÇÃO ENCONTRA A ALMA

A **união** do "*Coração da Leoa*" com a "*Alma dos Anjos Selvagens*" representa um encontro profundo entre a força e o **instinto**, entre o amor e a liberdade. Esse capítulo explora como o amor e a proteção sustentam essa aliança e como a conexão entre essas duas dimensões internas pode transformar o ser, levando-o a uma existência mais íntegra e plena.

4.1. Amor e Proteção como Base da Aliança

O **amor**, quando genuíno, age como uma força protetora e transformadora. Na simbologia da leoa, o amor não é apenas uma emoção, mas um **compromisso** com a proteção e o bem-estar daqueles a quem amamos. John Bowlby, criador da "teoria do apego", sugere que a proteção é uma manifestação essencial do amor, especialmente em relações onde o **apego** e a segurança são prioridades. Segundo ele, "*o instinto de proteger surge da necessidade de criar uma base segura*" (Bowlby, 1988), permitindo que o outro se desenvolva em um ambiente de confiança e apoio.

A **aliança** entre o coração e a alma é construída sobre esses pilares: amor e proteção. A leoa protege sua **alcateia** não apenas com sua força física, mas também com sua presença, criando uma "zona de segurança" para que o outro possa explorar sua liberdade e desenvolver seu potencial. Nesse sentido, como observa Carl Rogers em *On Becoming a Person*, "*a aceitação incondicional permite o crescimento e a auto-realização*" (Rogers, 1961). Quando o amor é baseado em proteção e aceitação, ele cria uma **aliança** duradoura que nutre e fortalece a alma.

Essa proteção não é restritiva, mas sim um tipo de apoio que permite que a **alma se expanda** livremente, sem medo de julgamento ou repressão. Assim, o coração da leoa encontra a alma dos "anjos selvagens", criando uma **união** onde o amor incondicional e a liberdade coexistem de forma harmônica.

4.2. Conexões e Transformações

A conexão entre o coração e a alma, entre o amor e o **instinto**, é uma fonte poderosa de transformação. James Hillman, em *The Soul's Code*, argumenta que é na relação entre nossos diferentes aspectos internos que encontramos nosso verdadeiro propósito, e que essa conexão nos proporciona uma visão mais profunda de quem realmente somos. Ele afirma que "*a transformação é o resultado da convergência entre nossa essência e nossas escolhas conscientes*" (Hillman, 1996). Quando o coração e a alma se encontram, surge uma oportunidade de crescimento e de realinhamento com o próprio "ego".

Este encontro (coração e a alma) transforma o ser ao despertar suas qualidades inatas e ao alinhar suas intenções com seus valores e instintos. Ao unirem-se, o coração e a alma, promovem a integração dos aspectos mais profundos do “ego”, harmonizando força e sensibilidade, coragem e intuição. Como observou Carl Jung, o processo de individuação — que ele define como o desenvolvimento completo do ser — “*não é uma aquisição de força, mas uma harmonização de todas as forças interiores*” (Jung, 1954).

A **conexão** transforma ao criar uma ponte entre os diferentes aspectos de si, permitindo que o indivíduo viva de maneira mais integrada e autêntica. Essa união não elimina as diferenças entre o coração e a alma, mas as valoriza, possibilitando que ambos coexistam em equilíbrio e propósito. Quando o coração e a alma se encontram, as **inseguranças** e as **limitações** dão lugar a uma versão mais corajosa e plena de quem somos, abrindo o caminho para uma existência mais consciente e significativa.

V. CAMINHOS DE AUTODESCOBERTA

O caminho da **autodescoberta** é uma jornada profunda, onde exploramos nossos aspectos mais verdadeiros e desvendamos nosso potencial interior. A simbologia da **leoa**, com sua força e instinto, torna-se uma guia poderosa para essa jornada, enquanto o poder de ser verdadeiro representa o compromisso com uma vida baseada na autenticidade e na coragem de ser quem realmente somos. Este capítulo explora como a leoa pode servir de inspiração no processo de autoconhecimento e como a autenticidade nos empodera ao longo desse caminho.

5.1. A Leoa como Guia

A **leoa** é uma metáfora de liderança e força interior, oferecendo uma imagem clara de como seguir o caminho da autodescoberta com coragem e determinação. Em *The Hero with a Thousand Faces*, Joseph Campbell descreve a jornada do herói como um processo no qual o indivíduo encontra guias e arquétipos que ajudam na descoberta de quem ele é realmente. Campbell afirma que “*os heróis mitológicos encontram guias que simbolizam a sabedoria interior que todos nós possuímos*” (Campbell, 1949). Nesse sentido, a leoa actua como esse guia, incentivando-nos a enfrentar nossos próprios medos e a explorar nossa essência.

A **leoa** também simboliza a capacidade de nos protegermos e de estabelecer limites, aspectos fundamentais para o autoconhecimento. No processo de **autodescoberta**, é essencial definir o que queremos manter em nossa vida e o que queremos deixar para trás. Esta capacidade de discernimento é, segundo Rollo May em *The Courage to Create*, essencial para uma vida autêntica, pois “*somente quando criamos e estabelecemos limites, podemos descobrir quem realmente somos*” (May, 1975). A leoa, como guia, nos mostra que, para descobrir nossa verdadeira natureza, é preciso coragem para traçar esses limites e confiança para seguir o próprio caminho.

5.2. O Poder de Ser Verdadeiro

Ser **verdadeiro** é uma habilidade poderosa que envolve aceitar e expressar quem somos, com todos os nossos **talentos**, vulnerabilidades e complexidades. Brené Brown, em *The Gifts of Imperfection*, sugere que “a **autenticidade** é a prática diária de soltar quem pensamos que devemos ser e abraçar quem somos de verdade” (Brown, 2010). No caminho da autodescoberta, o poder de ser verdadeiro se torna um alicerce, pois a autenticidade nos permite viver de acordo com nossos próprios valores e intuições, em vez de tentar nos conformar a padrões externos.

O poder de ser verdadeiro nos conecta com nossa essência e aumenta a nossa resiliência emocional. Como observa Carl Jung, “o processo de individuação não é o de alcançar uma perfeição inatingível, mas de ser verdadeiro com a própria essência” (Jung, 1966). Ser verdadeiro permite que nos desfaçamos de máscaras e construções sociais que, muitas vezes, reprimem nossos desejos e nossa identidade. Assim, a autenticidade não é apenas uma qualidade pessoal, mas uma força que nos ajuda a navegar a vida com confiança e a cultivar relacionamentos **genuínos**.

Ao percorrer os caminhos da autodescoberta, com a **leoa** como guia e ao valorizar o poder de ser verdadeiro, encontramos um sentido de plenitude e de propósito. O autoconhecimento, guiado pela força da leoa e pela autenticidade, nos permite viver com clareza e liberdade, seguindo um caminho de realização pessoal e de profunda conexão com o mundo ao nosso redor.

VI. CONCLUSÃO

Em termos de conclusão, exploramos como a Leoa e os "Anjos Selvagens" representam forças complementares que podem inspirar jornadas futuras de crescimento pessoal e autodescoberta. A simbologia dos “anjos selvagens” e dos “anjos caídos” vai além da simples análise de suas diferenças e semelhanças, oferecendo reflexões profundas sobre a condição humana. Ambos os arquétipos compartilham a busca pela independência, revelando as nuances da complexidade moral e existencial que desafiam padrões estabelecidos.

6.1. O Futuro do Coração e da Alma Selvagem

O coração e a alma, simbolizados pela leoa e pelos “anjos selvagens”, expressam a união entre força e liberdade – valores essenciais que impulsionam o ser humano em sua busca por propósito e realização. O futuro do "Coração de Leoa" e da "Alma Selvagem" reside na continuidade dessa busca, onde cada indivíduo descobre a capacidade de ser corajoso e autêntico, instintivo e consciente. Em um mundo que muitas vezes privilegia a **conformidade**, esses arquétipos nos inspiram a sermos fiéis aos nossos valores e a vivermos de forma **genuína**.

Viktor Frankl, autor de “Em Busca de Sentido”, afirma que “*o ser humano busca um propósito, e é essa busca que lhe dá a força para resistir e se superar*” (Frankl, 1984). Tanto a força **instintiva** dos “anjos selvagens” quanto o **drama** existencial dos “anjos caídos” nos convidam a refletir sobre coragem, autenticidade e o sentido de nossas vidas.

6.2. A Alma da Leoa e o Futuro dos Anjos Selvagens

A **alma** da leoa e a natureza dos “anjos selvagens” simbolizam a **dualidade** entre coragem e liberdade, que orienta o ser humano em sua jornada de autodescoberta. Quando essa **união** é fortalecida, ela promove um modelo de vida equilibrado, onde as forças instintivas são integradas à sensibilidade e aos valores. Essa harmonia entre força e vulnerabilidade nos permite viver de forma mais conectada ao nosso mundo interior e ao ambiente ao nosso redor, favorecendo relações humanas baseadas em **respeito mútuo** e apoio.

De acordo com Abraham Maslow, “*o crescimento autêntico ocorre quando reconhecemos e aceitamos nossos próprios valores e desejos*” (Maslow, 1970). Esse entendimento une os dois arquétipos em um ciclo contínuo de queda e ascensão, permitindo que os indivíduos encontrem significado em suas jornadas e transcendam limites impostos. A leoa e os “anjos selvagens” exemplificam essa aceitação, integrando o **instinto de sobrevivência** ao desejo de liberdade e realização. Assim, o **futuro** dos “Anjos Selvagens” se desenha como um caminho de autoconhecimento e aceitação, onde o ser humano é capaz de viver de maneira plena, com **propósito** e autenticidade.

Dessa forma, a **dualidade** entre os “anjos selvagens” e os “anjos caídos” ilustra um contraste profundo que, paradoxalmente, converge para um mesmo ponto: a capacidade de transformação. Enquanto os “anjos selvagens” revelam o potencial da liberdade como força criativa, os “anjos caídos” alertam sobre os riscos da desconexão com valores essenciais. Esse **paradoxo** não apenas reflete a complexidade da existência humana, mas também aponta para a transformação como um caminho inevitável e necessário para uma vida significativa.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apresentam-se as referências bibliográficas adaptadas do formato da norma ABNT (*Associação Brasileira de Normas Técnicas*) para as obras e documentos mencionados:

1. Nicolau, A.L. (2024). “Rituais Satânicos nas Famílias – *Quem Vê Cara não Vê Coração*” (Artigo nº 019/2024). Setembro 2024.
2. Nicolau, A.L. (2024). “Proibições Familiares Bantu (Kijilas) e os 10 Mandamentos Bíblicos” (Artigo nº 012/2024). Julho 2024.
3. Nicolau, A.L. (2024). “Quando uma Mãe Odeia o Pai dos Filhos” (Artigo nº 009/2024). Maio 2024.
4. Nicolau, A.L. (2024). “Reflexões sobre a Natureza Humana e a Moralidade – Dinheiro como Sepúlcros (Kitadi Jimbila)” (Artigo nº 006/2024). Fevereiro 2024.

5. Nicolau, A.L. (2024). "Terrorismo Material e Espiritual nas Famílias" (*Artigo nº 005/2024*). Fevereiro 2024. Disponível em:
https://fanicol.ao/arquiv/NICOLAU.Terrorismo%20Material%20e%20Espiritual%20nas%20Fam%C3%ADlias_vFINAL.Fev.2024.pdf
6. Nicolau, A.L. (2024). "Deus, Saúde e Família" (*Artigo nº 002/2024*). Janeiro 2024.
7. Milton, John. (1667). O Paraíso Perdido. 1667. Traduções variadas em português.
8. Santo Agostinho. (s/d). De Civitate Dei (A Cidade de Deus). Século V.
9. Rice, Anne. (2002). The Wild Angels (Os Anjos Selvagens).
10. Colin de Plancy. (1818). Dictionnaire Infernal (Dicionário Infernal).
11. A Bíblia Sagrada. (s/d). Traduções diversas, como João Ferreira de Almeida, Isaías 14:12 (sobre a queda de Lúcifer).
12. Bly, R. (1990). João de Ferro: Um Livro sobre Homens. Da Capo Press.
13. Bowlby, J. (1988). Uma Base Segura: O Apego entre Pais e Filhos e o Desenvolvimento Humano Saudável. Basic Books.
14. Brown, B. (2010). As Dádivas da Imperfeição: Liberta-te de Quem Pensa que Deves Ser e Abraça Quem És. Hazelden Publishing.
15. Brown, B. (2012). A Grande Coragem: Como a Vulnerabilidade Transforma a Forma como Vivemos, Amamos, Educamos e Lideramos. Gotham Books.
16. Campbell, J. (1949). O Herói de Mil Faces. Pantheon Books.
17. Estés, C. P. (1992). Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem. Ballantine Books.
18. Frankl, V. (1984). Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração. Editora Vozes.
19. Fromm, E. (1941). O Medo à Liberdade. Farrar & Rinehart.
20. Hillman, J. (1996). O Código da Alma: Em Busca de Carácter e Vocação. Random House.
21. Jung, C. G. (1954). O Desenvolvimento da Personalidade. Princeton University Press.
22. Jung, C. G. (1966). Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica. Princeton University Press.
23. Jung, C. G. (1968). Os Arquétipos e o Inconsciente Colectivo. Princeton University Press.
24. Maslow, A. (1970). Motivação e Personalidade. Harper & Row.
25. May, R. (1975). A Coragem de Criar. W. W. Norton & Company.
26. Mbiti, J. S. (1990). Religiões e Filosofia Africana. Heinemann Educational Books.
27. Rogers, C. (1961). Tornar-se Pessoa: A Perspectiva de um Terapeuta sobre Psicoterapia. Houghton Mifflin Harcourt.
28. Rosenberg, M. B. (2003). Comunicação Não-Violenta: Uma Linguagem de Vida. PuddleDancer Press.
29. Tolle, E. (1997). O Poder do Agora: Um Guia para a Iluminação Espiritual. Namaste Publishing.
30. Weller, F. (2015). A Beira Selvagem da Dor: Rituais de Renovação e o Trabalho Sagrado do Luto. North Atlantic Books.
31. Leoa em um orfanato de animais no Quênia. Disponível em: **https://br.freepik.com/fotos-gratis/leoa-em-um-orfanato-de-animais-no-kenia_17421101.htm#fromView=keyword&page=1&position=7&uuid=de2f49ff-f435-4a54-ae29-eca687b6c761**. Acesso em: 17 de Novembro de 2024.